

Santiago, no Chile, e o azeite de maconha, os perros gigantes e La Chascona – fevereiro de 2015

Emerson Rios

www.emersonrios.eti.br

Quando eu e Sandrinha estivemos no Chile em dezembro de 2013 prometemos que voltaríamos com mais tempo para conhecer melhor o país. Naquela oportunidade eu tinha ido disputar o Sul-americano de Natação Master e o tempo para passear foi muito escasso. Na ocasião, num dia sem competições, fomos para Isla Negra visitar uma das casas de Pablo Neruda, onde viveu os seus últimos dias, até morrer dez dias depois de a ditadura ser implantada no país em 1973. Desta forma em fevereiro de 2015 estávamos de volta a Santiago, agora sem nenhuma obrigação.

A ida

Como eu tinha algumas milhagens no meu cartão resolvemos comprar os bilhetes através da Gol, da outra vez tínhamos ido pela TAM/LAN. As opções que aparecem para aqueles que pretendem usar essa vantagem são mais restritas e acabamos indo num voo que saía do Galeão às 18 horas e pegaríamos uma conexão para Santiago em São Paulo que deveria sair às 20 horas. O primeiro voo atrasou mais de uma hora. Por uma confusão causada pelo site da Gol, quando tentei sem sucesso fazer o check-in on line, acabamos indo parar no acento 30, no final do avião, quando estávamos no acento 3 originalmente. Confusão semelhante aconteceu com um casal de austríacos que estavam nervosos, pois também estavam indo para o Chile no mesmo voo que iríamos pegar em São Paulo. O comissário falou para os austríacos que o outro voo iria esperar pela nossa chegada, mas eu realmente duvidei. Desembarcamos em São Paulo às 19 horas e 40 minutos e ainda tínhamos que sair do avião, ir para o terminal 2, e embarcar novamente na ala internacional, passando inclusive pelos procedimentos da policia federal e de controle de bagagens. Como estávamos nas ultimas fileiras tivemos que esperar o avião esvaziar até podermos desembarcar. Saímos os quatro, eu, Sandrinha e o casal de austríacos numa desabalada carreira pelo aeroporto de Guarulhos em direção ao novo embarque. Quando chegamos à ala internacional, tinha uma fila de umas 30 pessoas esperando para entrar. Eu fui lá na frente e falei com a moça, expliquei o meu problema, e ela nos mandou entrar. Gritei para os austríacos que estavam no final da fila e entramos direto. Chegamos no portão de embarque dez minutos antes da chamada para o embarque do voo. Dentro do avião tivemos outra surpresa. O voo só iria sair depois que todas as conexões que traziam passageiros para aquele voo chegassem o que somente ocorreu uma hora e trinta minutos depois, quando os passageiros já ensaiavam uma revolta dentro do avião. Acabamos desembarcando em Santiago duas horas da madrugada e chegamos ao hotel por volta

das três horas, o que equivalia há duas horas no horário local. Tínhamos levado um Gol contra, mas iríamos nos recuperar nos próximos dias.

O primeiro dia

O Chile é o mais europeu dos países latino-americanos. Durante os anos recentes eles fizeram corretamente a lição de casa e o país vem se desenvolvendo a olhos vistos. A impressão que nos causa é que ele seria um país melhor para se viver do que alguns países europeus, como por exemplo, Portugal. Enquanto no Brasil nós andamos para trás, com medidas econômicas e alianças ultrapassadas, a visão chilena é de acordos com Estados Unidos, Canadá e a Europa em geral. Nada de acordos com Venezuela, Bolívia, Equador, Argentina, e outros países perdidos em visões socialistas arcaicas e fora da realidade do mundo atual.

As ruas de Santiago são limpas e o povo muito educado. Não existem mendigos e camelôs, e a criminalidade é muito baixa. Você pode caminhar com segurança pelas ruas. O único problema são os roubos de pedestres como relatarei adiante. Mas isso em todo país europeu acontece, eu, por exemplo, com toda a minha experiência carioca, tive a minha carteira roubada uma vez em Lisboa, mas isso é outra história.

Outro fato interessante é que ao viajar pelos arredores de Santiago não vemos nenhuma favela, mas sim vários conjuntos habitacionais, o que demonstra que aparentemente o país também resolveu esse problema.

Quando decidimos voltar a Santiago, eu e Sandrinha tínhamos a intenção de andar muito a pé para conhecer com mais detalhes a cidade. No primeiro dia, ao invés de pegarmos o Metrô, que atende grande parte da cidade, resolvemos sair do hotel e caminhar em direção ao Centro pela Avenida Providencia, e depois, pela Bernardo O'Higgins. Foram duas horas de caminhada até o Pátio Bela Vista, região onde estão muitos bons restaurantes, e dali fomos em direção a estação do Funicular, espécie de trem que nos leva ao cume do Cerro São Cristóvão onde no seu ponto mais alto fica a estátua da Imaculada Conceição. Como estávamos em alta estação, a fila era grande, e esperamos um pouco até embarcarmos numa pequena viagem de cerca de 30 minutos, com uma pequena parada para o acesso ao zoológico no meio do caminho. A vista era realmente bonita, pois como Santiago é uma cidade plana, você consegue do alto ver quase tudo, inclusive o Estádio Nacional, onde um ano antes eu tinha nadado no campeonato sul-americano.

No caminho de volta paramos num Subway, nas proximidades do Pátio Bela Vista, para comer um sanduiche. Um casal de brasileiros tinha acabado de ter a sua mochila furtada por uma mulher na loja e a polícia já estava no local. A cena tinha sido filmada pelas câmeras e mostrava a mulher saindo calmamente com a mochila nas mãos enquanto na mesa ao lado o casal conversava despreocupadamente.

Alimentados, resolvemos fazer a mesma caminhada de duas horas e meia de retorno ao hotel. Como tínhamos dormido mal e andado muito resolvemos à noite, jantar num bom restaurante chamado Farina no Shopping Costanera, ao lado do nosso hotel. Comemos uma deliciosa corvina. Aliás, o ponto forte da alimentação chilena são os deliciosos peixes.

O segundo dia

Uma coisa que chama a atenção em Santiago é a quantidade de casais gays, homens ou mulheres, caminhando de mãos dadas pelas ruas sem que ninguém se importe. Eu já tinha visto isso em Montreal, no Canadá, e voltava a ver no Chile. Era um outro sinal que o país estava também evoluindo socialmente.

Neste dia resolvemos visitar o Centro Histórico da cidade e tomamos o Metrô até a estação de La Moneda, que ficava nas proximidades do Palácio Presidencial de mesmo nome. Após visitarmos o palácio seguimos em direção a Calle Ahumada, tradicional rua de pedestres do centro da cidade. No caminho paramos para tomar um expresso no Café Caribe. Em Santiago, existem cafés tradicionais, onde você toma um expresso em pé, servido por moças de minissaias muito curtas. Não precisa dizer que a frequência maior é de homens. Eu não podia deixar de seguir essa tradição.

A Calle Ahumada termina no Mercado Central onde estão diversos restaurantes especializados em peixes. Os pratos são fartos e os preços não são altos. Encontramos por lá o mesmo brasileiro que trabalha catando fregueses para o restaurante El Rey del Mariscal, onde tínhamos almoçado da outra vez. Na viagem atual não estávamos almoçando mas apenas comendo saladas ou sanduiches, logo agradecemos o convite e retornamos na nossa caminhada em direção ao hotel. Depois de duas horas andando chegamos ao Shopping Costanera onde fomos comer um sanduiche e para nossa surpresa vimos passando os austríacos, aqueles que estavam conosco na nossa corrida em busca da conexão no aeroporto de Guarulhos.

Nas nossas caminhadas tínhamos passado por um restaurante italiano na Avenida Providencia, chamado La Pizza Nostra, que tinha uma ótima aparência e resolvemos voltar para jantar ali. Do hotel até o restaurante eram cerca de 20 minutos de caminhada. Comemos uma ótima comida italiana, sobre o qual voltaremos depois a falar, pois o azeite, que servia de entrada e misturávamos com queijo parmesão ralado, sal e pimenta para degustarmos com pães, era muito bom.



Eu e Sandrinha almoçando uma salada com cerveja no restaurante La Pizza Nostra

O terceiro dia

Santiago é uma cidade famosa pelos seus Perros Gigantes (cachorros grandes) que ficam soltos pelas ruas. Eu já tinha lido sobre esse fato num dos livros da escritora chilena Isabel Allende e depois conversando com a minha cunhada, que tinha estado também em Santiago há alguns anos atrás, descobri que os cães são vacinados e tratados pela Prefeitura da cidade e realmente são uma tradição, pois os encontramos em diversos locais nas nossas longas caminhadas.

Às 8:30 da manhã o ônibus da empresa de turismo, Turistik, parou no hotel para nos pegar. Como tínhamos conhecido na visita anterior a Vinícola Concha e Toro, resolvemos desta vez visitar outra vinícola chamada Santa Rica. Não sabíamos a confusão que nos esperava.

Os turistas são pegos nos hotéis por diversos ônibus da Turistik e depois levados para o estacionamento de um Shopping na Avenida Costanera para serem depois distribuídos em diversos outros ônibus para levá-los para os seus destinos, Valparaíso, Isla Negra, Vina del Mar, diversas vinícolas, citi tours, etc. Nos 28 países que conheci na minha vida de viajante, sempre costumo pegar em algum momento pacotes turísticos locais, normalmente citi tours. Nunca eu tinha visto aquela confusão. Eram centenas de turistas, de diversas línguas diferentes, cada um deles procurando nervosos os ônibus que os levaria ao seu destino final. Nesta barafunda encontramos um casal de dinamarqueses, totalmente perdidos, Per e Lissi, com os quais acabamos mantendo

um bom relacionamento, mesmo porque iremos para Dinamarca em abril deste ano. Eles estavam também indo para a vinícola Santa Rita. Quando finalmente encontramos o nosso ônibus, notamos que um casal de brasileiros tinha perdido o seu ônibus que já tinha partido o que deveria ser comum, pois a confusão era grande.

A visita a vinícola Santa Rita foi muito boa e achamos muito mais didática do que a visita que tínhamos feito na viagem anterior à Concha y Toro. O problema é que o vinho dado na degustação era muito pior do que o da outra.

Na volta eu e o Per trocamos e-mails e ele ficou de me enviar informações sobre o seu país.

O quarto dia

Santiago tem vários banheiros públicos espalhados em algumas vias como o da Calle Ahumada ou da Apoquinda. Você paga um valor equivalente a um real e pode usar o banheiro muito limpo e bem equipado.

As dez horas saímos do hotel pela Avenida Providencia na nossa caminhada em direção a La Chascona, uma das casas do Poeta Pablo Neruda, e que ficava nas proximidades do Pátio Bela Vista.

Poderíamos ter ido de metrô e descido na estação Baquedano, mas para caminhantes, como nós, isso não tinha a mínima graça, e depois de duas horas estávamos no Pátio Bela Vista.

Resolvemos aproveitara nossa passagem pelo Pátio, local de inúmeros restaurantes, para irmos ao banheiro e depois tomarmos um café e água. Quando estávamos saindo do banheiro encontramos, coincidentemente, os dinamarqueses que estavam num Café sentados. Sentamos com eles e na conversa descobrimos que o Per tinha enviado um e-mail para mim, que só de noite eu realmente vi, marcando um encontro no Pátio Bela Vista. Coisas do destino.

Per e Lissi iam para o funicular, onde já tínhamos estado, e que ficava nas proximidades do museu de Pablo Neruda, fomos juntos até um ponto, quando nos despedimos.

La Chascona, significa em dialeto mapuche, a descabelada, que era como ficava Matilde Urrutia, amante e depois mulher, de Pablo Neruda. Foi ali que o corpo do poeta foi velado quando faleceu em 23 de setembro de 1973, dez dias após a queda e morte de seu amigo o presidente Salvador Allende, quando o Chile passou a ser governado por uma ditadura militar de direita. Nós já tínhamos estado da outra vez na Isla Negra, casa de Neruda nas proximidades de Valparaiso, num vilarejo chamado El Quisco e decidimos completar o nosso périplo pela vida do poeta. Era uma segunda

feira e a casa estava fechada, logo preparamos o corpo para a longa caminhada de retorno ao nosso hotel. Assim é a vida de caminhantes.

De noite voltamos ao Pátio Bela Vista para jantar, desta vez de metrô até a estação Baquedano, e o objetivo era o conhecido restaurante Como Água para Chocolate, que também estava fechado, o que nos levou ao confuso restaurante BKS (Back Stage), onde os garçons ficavam circulando com os pratos sem saber a quem entregar. Os brasileiros numa mesa próxima estavam sofrendo pois o garçom já tinha feito três tentativas sem sucesso, pois sempre trazia um prato errado.

O quinto dia

Os objetivos eram dois, o Museu de Belas Artes, que nos tinha sido indicado pelos dinamarqueses, e depois La Chascona, a descabelada. Pegamos o metrô na ida até a estação de mesmo nome, e visitamos o museu, cujo prédio é muito bonito. Depois os caminhantes partiram numa caminhada de uma hora até La Chascona. A casa, onde atualmente é o museu, foi construída por Pablo Neruda para abrigar a sua amante Matilde, e que depois, com a separação do poeta, ele passou a viver com ela nesta casa e também em Isla Negra.

Após a visita continuamos a nossa caminhada de retorno ao hotel, o que nos tomou mais 1 hora e 30 minutos. Aproveitamos o caminho para acertar as nossas contas e completar as 43 lembrancinhas que precisávamos comprar para parentes e amigos no Brasil.

À noite decidimos voltar ao restaurante Como Água para Chocolate e levamos um susto ao chegar. Tinha uma fila de espera enorme, sendo que um grupo de 17 brasileiros era um dos nomes da lista, ou seja, possivelmente mais de 30 pessoas esperavam por um lugar. O problema é que o jornal O Globo tinha publicado uma reportagem, alguns dias antes, onde citava o restaurante. Da outra vez que tínhamos estado em Santiago, jantamos duas vezes neste restaurante, que realmente é muito bom, mas nada justificava ficarmos mais de uma hora esperando uma mesa, e decidimos retornar, agora de metrô, para o La Pizza Nostra.

Como falei anteriormente, o azeite servido junto com os pães e biscoitos do serviço de entrada, era muito bom. Tão delicioso que perguntamos ao garçom qual era a marca do azeite e ele nos disse que se chamava Canabis. Ficamos na dúvida se tínhamos entendido direito e perguntamos a outro garçom que confirmou o nome.

O sexto dia

Este seria o nosso último dia em Santiago e tínhamos resolvido mudar o rumo da nossa caminhada. Ao invés de partirmos na direção do centro pela Avenida Providencia e

Bernardo O'Higgins, iríamos pela Avenida Apoquindo em direção ao Shopping Las Condes.

Antes acho importante contar uma pequena história que nos acompanhou em nossa estadia no Hotel Radisson Plaza. Na sala do café da manhã tinha uma torradeira grande onde as pessoas colocavam os seus diversos tipos de pães para torrarem ou esquentarem. O problema era que a torradeira, que coloquei o nome de Torradeira Maluca, era inteiramente imprevisível, ou seja, cada dia ela se comportava de forma diferente. Num dia ela estava isolando os pães em diversas direções, eu perdi dois pães que foram para o chão, e então decidi montar um cerco com garfos e facas para poder conseguir salvar os próximos. Num outro dia ela escondia as torradas na parte de trás, ou seja, você colocava o pão e ele não saía. Eu e Sandrinha costumávamos nos divertir vendo as pessoas sem saber como enfrentar a Torradeira Maluca.

A Avenida Apoquindo é muito bonita e realmente vale a caminhada, o único problema é que até chegar o Shopping Las Condes são certa de duas horas andando, o que nós gostamos muito. O interessante era que cruzamos com várias agencias do banco Itaú pelo caminho.

Já há alguns dias procurávamos sem sucesso pelo azeite de marca Canabis que era usado no restaurante italiano La Nostra Pizza. Na Avenida Apoquindo passamos por uma loja especializada em azeites e resolvemos mais uma vez fazer uma procura. Conversamos com a dona da loja que nos explicou que o tal azeite era produzido também com folhas de maconha, razão pela qual se chamava Canabis. Achamos melhor pararmos a nossa busca preocupados com a entrada no Brasil com esse produto.

Na parte da tarde decidimos passear pela Avenida Suecia que cruza o bairro de mesmo nome nas proximidades do nosso hotel. Compramos de um vendedor de rua os mais belos e gostosos pêssegos que tínhamos provado e no final da tarde tomamos um picolé de limão, menta e gengibre.

Na nossa despedida decidimos voltar ao restaurante Farina, no Shopping Costanera, para repetir o prato do primeiro dia, corvina com molho de mostarda. Esse foi o problema, não tinha corvina e fomos enganados com um congrio negro, que devia ser o que tinha restado na cozinha e estava muito ruim. O que salvou foi a taça de Carmenere, pois o vinho chileno é sempre de boa qualidade. No dia seguinte tínhamos que acordar as 3 horas para começar a jornada de volta a Niterói, isso se a Gol não nos reservasse nenhuma surpresa desagradável.

